

*Acervos pessoais e redes de sociabilidade: as produções de João Leonir Dall'Alba e sua relação com o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*

*Personal collections and sociability networks: the productions of João Leonir Dall'Alba and his relationship with the Historical and Geographic Institute of Santa Catarina*

Michele Gonçalves Cardoso<sup>1</sup>

**RESUMO:** O (re)conhecimento de múltiplas experiências humanas por meio de escritas autobiográficas, tem se consolidado para os/as historiadores/as como importante possibilidade de compreensão dos modos de ser e estar dos indivíduos e de suas temporalidades. Ao analisarmos as escritas autobiográficas presentes no acervo pessoal do Pe. João Leonir Dall'Alba (1938-2006), e acondicionado pelo Centro de Documentação Histórica Plínio Benício – CEDOHI, intentamos perceber as redes de sociabilidade tecidas pelo sacerdote, especialmente, aquelas vinculadas ao Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. As dezenas de obras publicadas, bem como, os espaços de memória projetados por Dall'Alba, promoveram a difusão de discursos fundamentados em ações étnicas/ identitárias, perspectiva que estava em consonância com os interesses do IHGSC. A aproximação com o campo acadêmico e o IHGSC, proporcionou a Dall'Alba a criação de uma importante rede de sociabilidade que alavancou a execução de seus diversos projetos e caracterizou sua atuação como um importante intelectual mediador do sul catarinense.

**PALAVRAS CHAVE:** Intelectual mediador; Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina; redes de sociabilidade; acervo pessoal.

**ABSTRACT:** The recognition/knowledge of multiple human experiences through autobiographical writings has been consolidated for historians as an important possibility for understanding the ways of being and living of individuals and their temporalities. By analyzing the autobiographical writings present in the personal collection of Father João Leonir Dall'Alba (1938-2006), and conditioned by the Plínio Benício Historical Documentation Center – CEDOHI, we attempt to understand the networks of sociability

---

<sup>1</sup> Michele Gonçalves Cardoso é professora do curso de História e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico da Universidade do Extremo Sul Catarinense - Unesc. Doutora em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina - Udesc. michelegc@unesc.net <https://orcid.org/0000-0003-0912-6825>.

woven by the priest, especially those linked to the Historical and Geographical Institute of Santa Catarina (IHGSC). The collections of published works, as well as the memory spaces written by Dall'Alba, promoted the dissemination of discourses based on ethnic/identity actions, a perspective that was in line with the interests of the IHGSC. Together with the academic field and the IHGSC, Dall'Alba was able to create an important social network that leveraged the execution of his various projects and characterized his performance as an important intellectual mediator in the south of Santa Catarina..

**KEYWORDS:** Intellectual mediator; Historical and Geographical Institute of Santa Catarina; sociability networks; personal collection.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo analisar as redes de sociabilidade tecidas pelo padre João Leonir Dall'Alba que podem ser acessadas por meio dos documentos de seu acervo pessoal, hoje acondicionado pelo Centro de Documentação Histórica Plínio Benício – CEDOHI. Dentre a variedade documental presente no acervo, nos dedicaremos a analisar a documentação que evidencia as redes tecidas com os sócios do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina – IHGSC, percebendo a circulação de ideias, de concepções sobre a história catarinense, de metodologias de pesquisa, e ainda, o próprio processo que levou o sacerdote a se tornar membro do IHGSC.

Dall'Alba nasceu na cidade de Caxias do Sul/RS em 1938, falecendo na mesma cidade, em 2006. Vinculado a Congregação de São José – Josefinos de Murialdo, residiu em diversas cidades do Brasil, bem como, em cidades da Itália e do Equador, sendo que para este trabalho, nos interessa os períodos em que viveu no sul do estado de Santa Catarina. O sacerdote fez seu primeiro estágio na cidade de Orleans/SC entre os anos de 1959 e 1961, retornando ao município após sua ordenação sacerdotal em 1967. Residiu em Orleans até 1981, quando foi transferido para Caxias do Sul e, em seguida, para o município de Araranguá, também no sul catarinense.

A proximidade entre as cidades permitia ao sacerdote dar continuidade aos projetos deixados em Orleans e ainda, realizar suas pesquisas em seu novo município. Essa dinâmica funcionou até 1987, quando o sacerdote foi transferido para uma ação missionária no Equador, encerrando seu ciclo de atividades em Santa Catarina, mas não, a profusão de suas obras. Em mais de duas décadas morando no estado, Dall'Alba atuou

como professor na educação básica e também como diretor de escolas públicas; foi criador da Fundação Educacional Barriga Verde – FEBAVE, mantenedora do atual Centro Universitário Barriga Verde; construiu o Museu da Imigração Conde D’ Eu e o Museu ao Ar Livre Princesa Isabel, primeiro do gênero na América Latina e tombado pelo estado de Santa Catarina e pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN); e publicou ainda, mais de 20 livros, sendo a maioria a respeito dos processos migratórios em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

Suas obras publicadas são: Pioneiros nas terras dos condes: história de Orleans (1971); O vale do Braço do Norte (1973); Laguna antes de 1880: documentário (1979); Colonos e mineiros no grande Orleans (1986b); Imigração italiana em Santa Catarina: documentário (1983); Os Dall’Alba: cem anos de Brasil (1984); Memórias do Araranguá (1985); Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil- Tradução - Luigi Marzano (1985); Stianni in colônia (1986c); Pioneros, nativos y colonos: El Dorado en el siglo XX (1992); Cantares del Condor (1992); Napo de los Napurunas (1993); O tesouro do Morro da Igreja (1994); Histórias do grande Araranguá (1997a); História do povo de Ana Rech – Paróquia (1987); História do povo de Ana Rech - Distrito (1997b); Pioneri in Brasile – Ballardin – Fameia Emblemática (1997c); Legado Artístico de um misionero de Brasil (1999); Origens e descendência de Anna Pauletti Rech (2003a); São Ludgero para o Brasil: Memórias do Pe. José Pedro Kunz (2005); Santa Catarina, Estado de Graça (póstuma) (2008).

Como fica evidente nos títulos de suas obras, o clérigo buscava publicar textos inéditos, mas também, compilações de documentos para os quais dava o nome de “documentário”. Também realizava traduções e elaborava novas configurações para textos pessoais, como no caso do diário de Bernardino Senna Campos, publicado com o título Memórias do Araranguá. Para realizar suas obras, também mobilizou um importante conjunto de entrevistas, aproximando-se do debate sobre a história oral iniciado na Universidade Federal de Santa Catarina, ao longo da década de 1970. Dialogando com a academia, mas fora do espaço acadêmico, Pe. João adaptava o que ainda se chamava “técnica” da história oral, conforme sua realidade, tendo realizado ao longo da vida, em torno de 700 entrevistas .

Essa intensa produção na área da história - atividade para a qual não tinha formação acadêmica - legou um importante acervo pessoal. Mesmo sendo

majoritariamente composto por documentos relativos às suas atividades em Orleans, seu acervo foi sendo ‘alimentado’ em diferentes períodos de sua vida, e também após sua morte. A variedade documental do acervo torna difícil sua identificação e sua classificação. Grande parte dos documentos, originalmente, estava guardada no Seminário São José de Orleans, um dos locais em que Dall`Alba trabalhou.

Com sua remoção para outra cidade, parte de seus documentos foi enviado para as instituições criadas pelo clérigo, sendo, então, acondicionada no Centro de Documentação Histórica Plínio Benício – CEDOHI, instituição projetada pelo sacerdote, mas fundada anos após sua saída da cidade. A necessidade da criação de um local para salvaguarda e pesquisa documental adveio do encontro entre Pe. João e as caixas de documentos pertencentes à Empresa Colonizadora Grão-Pará, administrada nos anos finais do Império brasileiro pela princesa Isabel e seu marido, o Conde D`Eu. O encontro com o acervo motivou as produções escritas do sacerdote, como também o objetivo de preservar e difundir documentos sobre o sul catarinense em seus variados suportes.

Sendo assim, a coleção que leva o nome do sacerdote é composta por documentos pessoais: cartas, cadernos, rascunhos de discursos, anotações sobre pesquisas, esboços de reuniões nas instituições escolares e por uma documentação pública composta por ofícios escolares, trabalhos de alunos/as, originais de seus livros, transcrições de entrevistas, projetos enviados para órgãos de fomento, ofícios para os superiores da Congregação religiosa, etc. Essa breve apresentação e divisão do acervo, certamente, não dá conta da diversidade documental disponível para consulta. Além disso, a separação entre pessoal e público aqui realizada é meramente ilustrativa, já que partimos do pressuposto de que todos os documentos são pessoais, pois, mesmo os burocráticos, demonstram uma opção do religioso por sua preservação.

Grande parte dos documentos refere-se ao período em que Dall`Alba trabalhava em Orleans, ao longo da década de 1970. Contudo, mesmo morando em outras cidades, o padre continuava visitando suas obras educativas e culturais e pesquisando os acervos coletados por ele. Inclusive, após seu retorno do projeto missionário em que ficou alocado em Caxias do Sul, viajou diversas vezes para Orleans, com o objetivo de realizar suas pesquisas no CEDOHI. Essas constantes visitas fomentaram o crescimento do acervo, que, após seu falecimento, receberia ainda alguns outros documentos que registraram sua participação nas atividades educativas, religiosas e culturais no sul catarinense.

Assim, buscamos perceber as motivações e os processos de acumulação documental realizado pelo sacerdote, já que o gesto de guardar documentos também é resultado de processos de escolhas e de descartes. Afinal, ao arquivar uma vida “o guardador imortaliza uma época e produz representações e marcas de si mesmo”. (CUNHA, 2017, p. 191). Ao compor um arquivo pessoal, os objetos autobiográficos materializam uma proposta de leitura associada à imagem que se quis preservar de si mesmo. (CUNHA, 2017, p. 191).

Sua condição de religioso certamente foi um ‘filtro’ para seu acervo pessoal, pois era consciente de que grande parte de seus documentos e objetos pessoais seriam destinados à sua família após seu falecimento, porém, muitos outros ficariam arquivados nas instituições Josefinas pelas quais passou. Nessa perspectiva, seu acervo pessoal já foi se consolidando com uma dimensão pública – como todo acervo pessoal – destinado a supostos leitores, como os confrades de sua Congregação, os administradores das instituições criadas por ele, ou, ainda, por pesquisadores/as de seus trabalhos. Evidentemente, todo arquivamento do eu, mesmo sendo uma prática íntima, possui uma função pública, que auxiliará na difusão de uma narrativa sobre a vida daquela pessoa.

Como nos alerta Artières (1998, p. 31), esse processo de arquivar a própria vida não é neutro; “é muitas vezes a única ocasião de um indivíduo se fazer ver tal como ele se vê e tal como ele desejaria ser visto”, ou seja, há, no processo de arquivamento, uma artificialidade que precisa ser compreendida e, na medida do possível, desvendada. Os documentos ali presentes podem ser entendidos como um preparo simbólico de seu próprio processo, reunindo provas para uma defesa, ou organizando-as para refutar a representação que os outros possuem de nós. (ARTIÈRES, 1998, p. 31). “Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho do tempo”. (ARTIÈRES, 1998, p. 31).

Para além da função prática, burocrática e comprobatória dos documentos que constituem o acervo pessoal de Dall’Alba, o processo de acumulação e de triagem é marcado por uma função simbólica. Na confluência entre as dimensões materiais e simbólicas configuradas nesse acervo, podemos entrever uma imagem que o sacerdote buscou preservar de si mesmo. Essa imagem é bastante pautada em suas atividades como pesquisador, escritor e agente cultural, visto que a maioria absoluta dos registros se refere a esse campo de atuação. Mesmo os documentos relacionados às atividades educativas

foram arquivados por registrarem informações relevantes para suas pesquisas de cunho histórico. Nota-se, também, a escassez de registros que reportem às práticas e ao cotidiano da vida religiosa. Sendo assim, os objetos autobiográficos ali presentes indicam um processo de construção de si fundamentado nas funções de pesquisador/historiador/escritor, imagem que continua ressoando ainda hoje (CARDOSO, 2018).

Foi essa imagem, presente e cristalizada por seu acervo pessoal, que nos aproximou dos debates em torno do conceito de intelectual mediador, noção fundamental para apreender as construções simbólicas produzidas para e pelo sacerdote. Elucidando um pouco mais esse conceito, tomamos por base as contribuições de Angela de Castro Gomes e Patricia Santos Hansen (2016), que buscaram colaborar para a promoção de debates que integrem as noções de intelectuais, mediação cultural e projetos políticos.

Evitando hierarquizações, as autoras procuraram valorizar as dinâmicas sociais e os meios, as redes e os lugares em que a produção, a preservação, a circulação e a apropriação de discursos são divulgadas em diferentes lugares e contextos de recepção. Nessa proposição, o enfoque seria delimitado aos sujeitos históricos identificados como intelectuais, categoria que estaria cada vez menos estanque ou imutável, já que, nos últimos anos, a noção de intelectual passou por constantes processos de revisitação e de alargamento. As reflexões de Gomes e Hansen (2016), ainda buscam evidenciar que estes intelectuais, muitas vezes, possuem atuação local, não por conta da qualidade de suas produções, mas pelos suportes de divulgação que acabam por limitar a circulação de seus trabalhos, diminuindo, portanto, seu reconhecimento.

E foi nessa chave de interpretação do acervo que buscamos compreender a atuação de Dall'Alba junto aos intelectuais do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, cuja sede fica localizada na cidade de Florianópolis. É importante destacar que o período em que Pe. João residiu em Santa Catarina foi marcado pela efervescência de iniciativas de cunho étnico/identitário, representada pelas diversas festividades (re)criadas e também por uma produção historiográfica que buscava legitimar esses processos. Um dos espaços privilegiados para fundamentar as narrativas identitárias baseadas na etnicidade era o IHGSC, especialmente pelo trabalho realizado e publicizado por meio de sua Revista.

Segundo o historiador Élio Cantalício Serpa (1992), a Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina passou por três fases: a primeira de 1902 a 1920, a segunda 1943 a 1944 e a terceira inicia-se em 1979 até a década de 1980. A categorização proposta pelo autor evidencia que em sua primeira fase, a Revista buscava criar um imaginário em torno da identidade catarinense, especialmente vinculada ao passado luso-brasileiro e a personagens considerados ilustres e estabelecidos, em grande parte, no litoral. Na segunda fase, o objetivo identitário permanece, mas a concepção luso-brasileira passou a abarcar também, os açorianos, buscando valorizar aspectos culturais específicos dessa migração. Vale destacar, que neste período o estado passava por uma violenta política de nacionalização que perseguia os descendentes de italianos e alemães presentes no estado. Já,

na terceira fase da Revista até 1987 há um sensível crescimento de artigos referentes a outras cidades povoadas por outras etnias. Amplia-se também o espectro espacial de preocupações do Instituto, voltando-se para o extremo-oeste de Santa Catarina, como por exemplo, Chapecó e Sul do Estado. (SERPA, 1992, p. 67-68)

Estando muito próximos ou mesmo participando do poder político, os sócios do IHGSC buscaram dar sustentação ao discurso empreendido pelo governo de Esperidião Amin (1983-1987) e materializado por meio dos Cadernos de Cultura Catarinense, produzidos no interior da Fundação Catarinense de Cultura, órgão vinculado ao Governo do Estado (SERPA, 1992, p. 68). Nesse período, o governo catarinense empreendeu diversas iniciativas de valorização étnica, buscando também, abranger diferentes áreas do estado. Essa mobilização demonstrava um interesse da gestão em se aproximar dos cidadãos/eleitores, ação estimulada, principalmente, pelo processo de abertura política do país.

E, é neste contexto de valorização da etnicidade advinda dos processos de imigração – evidenciando apenas as migrações de origem europeia -, bem como, de proeminência das produções do sul catarinense, que João Leonir Dall’Alba buscou se inserir. O sacerdote se aproximou dos intelectuais que faziam parte do IHGSC e que também eram professores da Universidade Federal de Santa Catarina, buscando apoio, fomento e divulgação para suas obras, estreitando o diálogo entre o sul catarinense e a capital do estado. Vale destacar, que Orleans, cidade catarinense em que Dall’Alba mais

atuou, fica a quase 200km de distância de Florianópolis, e que o sacerdote acumulava as funções religiosas, educativas e ainda suas pesquisas, tornando sua mobilidade à capital catarinense bastante dificultada.

Mesmo com as limitações de transporte e também, as limitações impostas pela própria congregação, Pe. João entendia que a circulação e a legitimação de suas obras deveria passar por seus pares, por isso, buscava estreitar os laços com a comunidade historiadora catarinense em um período em que a própria formação acadêmica estava sendo discutida e que as fronteiras entre o IHGSC e o nascente curso de História da UFSC ainda eram muito tênues.

## **2 A PRÁTICA DA HISTÓRIA E SUA LEGITIMAÇÃO ENTRE OS PARES**

Inserido em um contexto bastante profícuo sobre as produções na área de história, João Leonir Dall’Alba, mantinha diferentes posicionamentos a respeito de sua prática. Em alguns textos se autodenominava historiador, em outros, buscava se afastar do título profissional. As relações que estabelecia certamente eram fundamentais para se configurar como historiador, mas também, os próprios meandros da pesquisa, por vezes, o empolgavam com a função historiadora, como registrado em sua primeira obra publicada:

Como nos contos antigos, depois de diversas discussões, “nem vai lá, que só tem madeiras velhas e teias de aranha”, consegui entrar nos porões da antiga Sede da Empresa. Amigo leitor! Tive a maior alegria que me foi concedida como historiador: Lá, num canto escuro, intactos há oitenta anos, estavam três caixões de manuscritos. Passei as horas livres de dois meses lendo e separando: Um tesouro para nós, para todos os vizinhos do Vale do Tubarão! (DALL’ALBA, 2003b, p. 12).

A entusiasmada narração do encontro entre Pe. João e o acervo da Colônia Grão-Pará está devidamente registrada na introdução do livro *Pioneiros nas Terras dos Condes* (1971 ou 2003b). Entretanto, a descoberta da documentação reverberou, e ainda reverbera, em outras publicações e memórias, tornando-se parte do imaginário que circunda o sacerdote. Repetida à exaustão, a narrativa registra o caminho percorrido pelo religioso durante as pesquisas para a elaboração de sua monografia do curso de Letras,

momento em que, pela primeira vez, dedicou-se a estudar o processo de colonização da região do sul catarinense<sup>2</sup>.

O encontro entre o pesquisador e o acervo da companhia pode ser considerado um divisor de águas na vida do sacerdote. Até esse momento, 1969, Dall'Alba já atuava como clérigo e como professor no sistema educacional de Orleans, contudo, ainda não havia realizado pesquisas de cunho histórico. Essas pesquisas, em grande parte, foram motivadas pelo encontro com a documentação da empresa colonizadora, sendo determinante para o nascimento do Dall'Alba historiador.

Podemos perceber que o sacerdote mantinha uma controversa relação com o 'ser historiador'. Em alguns textos, como o já citado *Pioneiros nas Terras dos Condes*, o religioso não se eximia de se intitular como historiador. Em outros, afirmava, com veemência, que não exercia o ofício, mas que auxiliava na coleta, na preservação e na difusão de fontes históricas, buscando uma narrativa sem posicionamento, neutra, cujo único objetivo era a difusão de documentos e a preservação da memória de determinado período. Reforçando esse posicionamento, afirmava ser necessário o trabalho do historiador para a análise das fontes divulgadas.

Limito-me simplesmente a ordenar fatos, a concatenar ideias. Não tenho finalidade de exaltar, nem atacar, nem entender. É um trabalho espontâneo que faço por gosto histórico, sabendo que estes são os últimos anos de ouro para uma pesquisa como esta, pois as velhas gerações estão desaparecendo, e as novas pouco ou nada sabem de um passado que não lhes desperta entusiasmo. (DALL'ALBA, 1971, p. 126)

Não sou literato, não sou sociólogo, não sou historiador. Porque então atrever-se a escrever? É preciso coragem. [...] Há um trabalho imenso pra ti, estudioso, para ti, estudante nativo. Abri uma picada. Há largas estradas a abrir. [...] Não trabalhando por encomenda, nem sendo

---

<sup>2</sup> Em um dos manuscritos do acervo pessoal de Dall'Alba, o sacerdote descreve o encontro com a documentação enfocando, de modo especial, na descoberta de um documento, o relatório dotal. "Há no trabalho do historiador, momentos de desânimo!" "Mas porque destruíram aquilo?" Mas por que não falaram com aquela pessoa antes que morresse! Mas porque não guardaram aquele documento!!! Pois, nestes dias eu andava numa hora de baixa maré assim. Tentara reconstituir algo do passado, mas encontrava tão pouco de escrito! Algum pinga com esta velhinha, outro com aquele velhinho. Só. Porém, a sorte grande a que todo historiador aspira, bafejou-me hoje. Para que calculem o valor da nossa sorte, pensem o que seria um documento do fim do século que descrevesse Orleães com todos os particulares! Pois minha sorte foi ainda maior: um relatório da época da fundação. Minto. Muito antes da fundação". Acervo CEDOHI "Pe. João – Pesquisas do Padre João Leonir Dall'Alba." Manuscrito.

financiado por entidades do vale iniciativa espontânea, tive a liberdade para escrever uma história verdadeira. Não pretendi exaltar, não quis denegrir. Eu quis sim, retratar um passado que aos poucos se esvai. (DALL`ALBA, 1973, p. 13)

Estamos publicando documentos inéditos. Não nos preocupamos com síntese, com analisar causas, consequências, com relacioná-los, tão pouco quisemos vê-los à luz de determinada ideologia. Primeiro precisam ser conhecidos. (DALL`ALBA, 1986b, p. 24)

De parte do autor, objetivo foi a verdade, brotada da fonte. Partiu sem teses a defender, sem política partidária, sem parentescos a exaltar ou a acobertar. Quisemos a história do povo, com seus altos e baixos, povo sofrido, povo de Deus, como o povo da Bíblia. (DALL`ALBA, 1997a, p. 18)

Como antropólogo e historiador do sul catarinense, sinto-me feliz de ter resgatado uma parte da história para a posteridade. Sim, estou feliz com este trabalho. Espero que os leitores sintam o mesmo. (DALL`ALBA, 2005, p. 6)

Os excertos acima citados estão registrados em textos introdutórios de diversas obras do sacerdote. Esses escritos recebem diferentes nomenclaturas: prólogo, prefácio, preâmbulo, introdução, ou, ainda, ‘orientando o leitor’. Independente da terminologia, a estrutura do texto é basicamente a mesma: entre duas e três páginas; motivações para a escrita; o percurso da pesquisa; descrição de outras obras; orientações para a leitura do texto; e elementos de sua trajetória pessoal.

Esses escritos – os quais podemos chamar genericamente de prefácios, já que a estrutura se assemelha a esta categoria – são um privilegiado espaço de fala direta do autor, principalmente nos livros que se configuram como transcrições de documentos ou traduções. As falas diretas entre autor e leitor/a são fundamentais para os processos de uma construção pública de si. Essa escrita autorreferencial é “uma expressão de si, uma narrativa que busca não só destacar a notoriedade do autor, mas também construir um autorretrato perene para o seu leitor.” (VENANCIO, 2009, p. 175).

Nesses registros de caráter autobiográfico estão presentes o desejo de perpetuar-se, de constituir a própria identidade para tempos vindouros, ou, nas palavras de Renato Janine Ribeiro (1998, p. 35), de forjar uma glória. Nesses textos, podemos observar, de

modo mais atento, seus posicionamentos, suas escolhas, seus objetivos e suas vinculações, mesmo aquelas dissimuladas pela narrativa.

Na fase inicial de seus trabalhos, Dall’Alba se apresentava como um pesquisador, alguém que organiza, compila e divulga documentos, mas que não se considerava teórica e metodologicamente preparado para a análise das fontes. Já, nas publicações mais recentes, o termo historiador apareceu com menos timidez, sendo empregado não somente nas obras, mas em seus discursos e suas ações culturais. Independente do campo profissional que acionou – ou que rejeitou –, a ênfase desses prefácios está na neutralidade da pesquisa, sem motivações outras, que não sejam somente a busca pela ‘verdade histórica’.

Desse modo, posicionou-se como autor de uma narrativa apartidária, sem vínculos ideológicos, cujo objetivo não era uma análise dos acontecimentos, mas única e exclusivamente sua difusão. Nessa perspectiva, a divulgação dos materiais coletados possibilitaria a outros/as pesquisadores/as a realização de trabalhos mais aprofundados, ampliando as narrativas de temática histórica.

Essas afirmações esboçam ao leitor/a um cenário ‘neutro’, já que o autor não evidencia as escolhas realizadas. A seleção dos documentos transcritos na íntegra ou parcialmente, ou, ainda, dos/as entrevistados/as, não foi expressa pelo sacerdote, tendo como objetivo o afastamento do/a leitor/a à intencionalidade dessas escolhas (CARDOSO, 2018).

Entretanto, essa imparcialidade reiterada em suas obras pode ser questionada quando o clérigo aciona determinada profissão, já que, ao afirmar sua pertença a um campo do conhecimento específico, o sacerdote estaria sujeito a críticas e a contestações referentes àquele ofício. Especialmente, quando se autointitula historiador, profissão que, nesse período, passava por um forte debate acadêmico em Santa Catarina.

Ao realizarmos essa análise sobre os posicionamentos de Dall’Alba ao longo de sua carreira, não intencionamos enquadrar sua atuação em determinados modelos explicativos. Tão pouco, buscamos determinar qual a função específica de um historiador, criando distinções ou categorias. Afinal, a atuação do/a historiador/a é algo cambiante, já que, antes da profissionalização do ofício, marcadamente relacionada à formação acadêmica, os/as historiadores/as podiam ser juristas, poetas, romancistas ou jornalistas, atuando, de modo amplo, tanto na construção da narrativa, que “resulta da pesquisa

documental, quanto o trabalho de tradução e prefaciamento de livros estrangeiros, de localização e edição de documentos e ensaios históricos, de redação de compêndios voltados para um público escolar [...]”. (GOMES, 1996, 38.) Esse perfil multifacetado de intelectuais e de obras de cunho histórico sofreu alterações com a ampliação e a consolidação dos cursos de graduação em História por todo país, o que não significa dizer que essas práticas tenham desaparecido.

Em Santa Catarina, algumas mudanças na prática e na escrita histórica começaram a se transformar ao longo da década de 1970, período em que Dall’Alba estava publicando suas primeiras obras de cunho histórico. Certamente esse contexto contribuiu para a configuração das redes em que o sacerdote atuava, criando pontos de contato entre o religioso e outros intelectuais.

Retomando a análise da publicação *Pioneiros nas Terras dos Condes*, primeira obra em que o clérigo se intitula historiador, é importante destacar que o texto, originalmente escrito em formato de monografia, está dividido em duas partes: a primeira é fundamentalmente composta por transcrições e descrições dos documentos da empresa colonizadora Grão-Pará; já, a segunda parte, se articula com base na narrativa construída a partir das entrevistas realizadas pelo sacerdote, segmentada por grupos étnicos. Nesse formato, o livro foi submetido ao concurso História dos Municípios, promovido pelo Departamento de Cultura de Santa Catarina. A obra recebeu o primeiro prêmio, sendo recomendada sua publicação.<sup>3</sup>

Nessa edição, o livro conta com um texto de apresentação e outro de introdução, sendo o último escrito pelo autor. A apresentação foi redigida por um reconhecido historiador catarinense: Walter Piazza. Piazza foi um dos organizadores do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, além de membro dos institutos históricos e geográficos de Santa Catarina, Espírito Santo, Bahia e São Paulo; da Academia Catarinense de Letras; da Associação dos Professores Universitários de História de São Paulo; da Comissão Nacional de História e do Instituto Histórico da Ilha Terceira, nos

---

<sup>3</sup> Encontramos no acervo pessoal do sacerdote o folder do concurso estadual “História dos Municípios”. O documento possui dois pontos grifados. O primeiro diz respeito ao valor da premiação, “o primeiro classificado receberá o prêmio no valor de NCr\$ 1.000,00 (hum mil cruzeiros novos)”, valor que se atualizado corresponderia aproximadamente a 13 mil reais. O segundo diz respeito à proposta a temática, “os trabalhos devem abordar a História do Município, situando-o no contexto estadual, desde as suas origens”. Acervo CEDOHI “Pe. João – Pesquisas do Padre João Leonir. Dall’Alba.” Caixa. Concurso estadual História dos Municípios.

Açores (Portugal). Por ser um historiador reconhecido, certamente foi chamado para apresentar o trabalho vencedor do concurso. Assim, em seu texto escrito em julho de 1971, Piazza destaca:

Sempre é útil um trabalho de História, escrito com documentação original. “Pas des documents, pas d’histoire”, é o mote de Charles Seignobos e a palavra-de-ordem na moderna historiografia. [...] A historiografia catarinense vem se ressentindo da falta de trabalho como o que, agora, se apresenta. “Pioneiros nas terras dos Condes”, de João Leonir Dall’Alba, é trabalho de percuciente busca e que vem, em boa hora, dar à nossa literatura histórica ânimo nôvo. Há muito que as nossas letras históricas não se enriqueciam de trabalhos deste quilate. Mas, a surpresa da novidade é maior pela massa de dados originais e inéditos lançados à história de Santa Catarina [...]. (DALL’ALBA, 1971, s/p).

Piazza buscou nesse texto<sup>4</sup> valorizar questões bastante caras à historiografia do período, enfatizando, principalmente, o uso de fontes documentais e inéditas, as quais, por si só, segundo o historiador, seriam uma grande contribuição para a historiografia de Santa Catarina. Nos parágrafos finais dessa apresentação, a ênfase não é dada ao livro, mas, sim, ao autor, que é enaltecido pela vocação para o recolhimento de documentos escritos, e também de utensílios e objetos que retratam a história social do sul catarinense. Com relação a essa prática, Piazza destaca, ainda, a criação do Museu da Imigração Conde d’Eu, em 1970. (DALL’ALBA, 1971, s/p).

Tecendo uma breve análise sobre esse texto, podemos evidenciar que Piazza acompanhava, de alguma forma, o trabalho que o clérigo estava desenvolvendo no sul catarinense. É possível que o historiador tivesse tomado conhecimento da inauguração do Museu da Imigração Conde d’Eu por meio da ampla divulgação do evento, que contou com a presença de diversos políticos e intelectuais catarinenses.

Piazza menciona que o Museu é uma ‘aula viva de História’, o que nos permite supor que ele teria visitado o acervo. Sendo assim, é difícil afirmar se o contato entre os dois adveio antes ou depois do concurso História dos Municípios, ou mesmo se aconteceu por ocasião do concurso, já que é bastante provável que o historiador tivesse composto a comissão que avaliou o trabalho no evento promovido pelo Departamento de Cultura. De

---

<sup>4</sup> Essa apresentação consta somente na primeira edição do livro. A segunda edição da obra foi publicada em 2003.

todo modo, podemos inferir que foi nesse período que se iniciaram os vínculos entre Walter Piazza e Pe. João. Desse contato, nascera mais do que uma amizade, uma vez que ele marcou a entrada de Dall’Alba em um determinado círculo: o de pesquisadores e escritores sobre a história de Santa Catarina; indo além, significa uma importante aproximação com as práticas desenvolvidas na academia e no IHGSC.

Após sua primeira publicação, Pe. João se dedicou intensamente a outras pesquisas, produzindo diversos esboços para futuras publicações. Paulatinamente, seus livros foram enviados para editoras, especialmente de Florianópolis, e sendo avaliados por profissionais da área de História. Esse foi o caso de sua terceira obra: *Laguna antes de 1880 – Documentário* (1979). Esse livro se difere dos publicados anteriormente<sup>5</sup>, pois o autor inaugura uma tipologia que seria ainda muito utilizada por ele: o documentário.

O livro é composto basicamente por transcrições de documentos encontrados pelo sacerdote em suas pesquisas em arquivos e bibliotecas. A obra está dividida em seis capítulos: Notícias da povoação e Fundação da Vila de Laguna; Descrição do Município por Francisco Isidoro da Costa; Livros de venda de escravos; Cartas de Luigi Rosseti; Viagem pelo Sul do Brasil, de Avé-Lallemant e Síntese da História de Laguna. Dall’Alba produziu uma breve introdução desses capítulos, que fundamentalmente são fragmentos de documentos sobre Laguna. O autor também se posicionou de maneira sucinta por meio de notas de rodapé.

No prólogo do livro – datado de 1976 –, o religioso descreveu as motivações que o levaram a publicar a obra, destacando o encontro com as fontes de pesquisa, nomeando e agradecendo as instituições consultadas. Gratificou também o historiador Walter Piazza pelas “correções e orientações, apesar de não ter seguido todas.” (DALL’ALBA, 1979, p. 10).

Outro agradecimento é dirigido ao “eminente Dr. Oswaldo Cabral”. A escrita bastante objetiva não nos permite afirmar que Cabral teria realizado a leitura do texto, no entanto, sua contribuição pode ter ocorrido na sugestão de fontes e na indicação da leitura de suas obras. Importante destacar que Oswaldo Rodrigues Cabral era médico de formação, mas atuava como historiador, antropólogo, folclorista e escritor. Era professor

---

<sup>5</sup> *Pioneiros nas Terras dos Condes* (1970) e *O Vale do Braço do Norte* (1973).  
Mneme. Revista de Humanidades. v. 25 n. 49 (Jun/Dez. 2024)

da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IGHSC) e da Academia Catarinense de Letras<sup>6</sup>.

Esses agradecimentos presentes na obra *Laguna antes de 1880 – Documentário* nos permitem observar a constituição de uma determinada rede em que Dall’Alba estava inserido. O diálogo com dois profissionais da UFSC nos permite evidenciar que o sacerdote mantinha certa proximidade com a academia.

Entretanto, como mencionado, esse diálogo se estabeleceu em um período de muitas transformações na área de história no Estado. A década de 1970 marcou importantes mudanças na produção historiográfica catarinense, relacionadas, principalmente, pela concretização e pela ampliação do ensino universitário. Esse processo de efetivação do ensino universitário, por sua vez, tem como origem a primeira graduação em História do estado de Santa Catarina, desenvolvida pela Faculdade Catarinense de Filosofia, na década de 1950 (efetivamente em funcionamento em 1955). Na década seguinte, essa Faculdade, juntamente com a Faculdade de Direito, foi incorporada à Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

Nessa fase inicial, muitos historiadores ‘práticos’, principalmente ligados ao Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, não puderam pleitear cargos na Universidade, visto que a exigência mínima para a contratação de professores/as era possuir nível superior de instrução. Foi nesse contexto que o médico Oswaldo Rodrigues Cabral, já reconhecido por suas publicações na área de História, passaria a atuar também como professor.

Nesse cenário, Janice Gonçalves (2006, p. 108) afirma ocorrer um processo de efetivação da profissionalização dos/as historiadores/as, associando cada vez mais a universidade como local de formação e de exercício profissional, num primeiro momento, com o curso de Graduação e, posteriormente, com a Pós-Graduação em 1975.

Os egressos da Faculdade Catarinense de Filosofia alteraram significativamente o cenário profissional do Estado, sendo que muitos deles foram incorporados de imediato

---

<sup>6</sup> Oswaldo Rodrigues Cabral nasceu na cidade de Laguna em 1903, falecendo em Florianópolis no ano de 1978. Sobre a cidade natal, escreveu: *Laguna e outros ensaios*. Florianópolis, Edição do autor, 1939; *a República Juliana e as comemorações do seu centenário*. Monografia mimeografada, 1939; *Laguna – Rio Grande*. In: *Anais do III Congresso Sul-riograndense de História e Geografia*. Porto Alegre, 1940; *Organização da Justiça na Colônia e no Império e a História da Comarca de Laguna*, 1955.

ao quadro de funcionários da instituição, inicialmente como professores assistentes. Esse foi o caso de Walter Piazza, que concluiu o bacharelado em História e Geografia no ano de 1957, licenciando-se em 1960. Ainda em 1957, tornou-se auxiliar de pesquisas da cadeira de História Antiga e, em 1960, auxiliar de ensino das cadeiras de História Medieval, Antropologia e Etnografia.

Anos mais tarde, em 1975, Piazza teve papel fundamental na organização do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, o primeiro da área em Santa Catarina. O historiador, assim como os demais professores diretamente envolvidos no Programa de Pós-Graduação, foram partícipes de um importante momento de transformação das práticas dos historiadores catarinenses. A preocupação com questões teóricas e metodológicas, como também a ampliação de perspectivas para abordar a história catarinense, delimitavam diferentes contornos entre os/as historiadores/as de formação – ligados à universidade –, e os/as historiadores/as vinculados ao Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, e, de maneira ampliada, aqueles considerados ‘práticos’ ou memorialistas, não vinculados a nenhuma instituição.

É nesse contexto de profícuo debate sobre a atuação dos profissionais da área de história, como também de importantes transformações para a produção historiográfica catarinense, que Pe. João publicou suas primeiras pesquisas de cunho histórico. Foi nesse período que o sacerdote recebeu as correções e as orientações de Walter Piazza para o livro sobre Laguna. Essas orientações foram escritas em uma carta entregue ao religioso pelas mãos do professor Simão Willemann.

Padre Leonir, estou escrevendo, ao mesmo tempo, em que leio os originais que deixou em meu poder e ora devolvido por intermédio de Simão Willeman. Acho que o título “Laguna antes de 1880” fica melhor que o outro. Há um argumento ponderável: Saul Ulysséa (pai do Ruben) escreveu “Laguna de 1880”, e isto serviria de uma boa introdução à documentação, com uma análise do aludido livro, hoje raro. No tocante ao “Plano da obra”, chamo-lhe a atenção para os seguintes itens: 1) deveria colocar em cada parte o período a que te refere, p. ex. Documento sobre a fundação de Laguna (16...); 2) onde se situará no referido “plano” o povoamento de 1720? ; 3) os documentos de venda de escravos deveriam ser precedidos de um índice-sumário do livro que os contem, particularizando os nomes dos proprietário - vendedores e compradores, do escravo (ou escravos) e data da transação ; 4) e, finalmente sobre Rossetti e suas cartas duas ponderações: I. não foi ele secretário da República Juliana (?), mas sim de Giuseppe

Garibaldi, e, II. A República não foi Juliana e sim Catarinense (v. BOITEUX, Henrique. A República Catarinense. Rio de Janeiro, Imprensa Naval, onde são transcritas as atas de instalação da República e nelas consta sim “cidade Juliana da Laguna” capital da República Catarinense! Creio ser um trabalho apropriado, desde que escoimado dos senões (Fernando Machado de Sousa, herói catarinense de Itororó, nasceu no Desterro como constata-se nos livros de batizados do Arquivo Freguesia N. Sra. Do Desterro), o que deverá ser feito em nota de rodapé do ordenador da obra. Mas, para não alongar são estas as nossas contribuições à melhoria de tal documentário. Cordialmente.<sup>7</sup>

As orientações expressas na carta não foram integralmente atendidas, como já evidenciado. É difícil percebermos exatamente quais foram as modificações efetuadas no texto, pois não temos acesso ao material enviado originalmente para o historiador. Mas, observando a obra publicada, podemos inferir que algumas correções – como a República Catarinense – e algumas sugestões, como o índice dos livros sobre a escravidão, foram atendidas. No entanto, ao que nos parece, a correção sobre a função exercida por Luigi Rossetti durante a tomada da cidade de Laguna não foi alterada.

Para além das correções pontuais realizadas por Piazza, podemos observar que, de modo geral, o historiador buscava orientar o autor a cruzar as informações presentes nos documentos transcritos com outras publicações e documentações referentes à cidade de Laguna. Exercício que não era o principal objetivo do sacerdote, pois este reforçou, nos poucos espaços autorais, que seu propósito era apenas a difusão de documentos sem análises ou acréscimos. O livro foi publicado pela Editora Lunardelli em parceria com a Editora da Universidade do Estado de Santa Catarina – Udesc, e nesse período, Walter Piazza era membro do Conselho Editorial, representando o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

O prólogo da obra, a carta enviada por Piazza – como dezenas de outras –, os esboços dos livros, além da variada documentação salvaguardada, podem ser considerados como indícios da formação de uma teia de correspondências entre intelectuais; teia essa que nos “permite vislumbrar a tessitura de sua rede pessoal e profissional e, através dela, pode-se caracterizar suas práticas de intercâmbio de ideias, de troca de livros e de divulgação de suas opiniões”. (GOMES, 2004, p. 114). Esses

---

<sup>7</sup> Acervo CEDOHI “Pe. João – Pesquisas do Padre João Leonir Dall’Alba”. Carta datada de 26 de maio de 1976.

indícios nos permitem perceber os diálogos entre o sacerdote e os representantes da área de história no estado catarinense.

Dall’Alba constituiu essa rede almejando certo respaldo das universidades. Ao cortejar com as práticas acadêmicas, então, buscava adotar aquilo que convinha diretamente com seus objetivos, ‘filtrando’ apenas o que poderia legitimar suas produções ou o que contribuiria diretamente para o desenvolvimento delas, sem grandes alterações em seu *modus operandi*. Essa relação, por vezes dúbia, com a prática acadêmica, pode ser observada em uma carta enviada a Celso de Oliveira Souza, no período em que o clérigo estava no Equador<sup>8</sup>.

Cumé, não me deste notícias dos livros? Já posso saber que as dificuldades são grandes. Também, deixar os manuscritos em estado tão primitivo! Mas sei que vão lutar para dar uma solução. De qualquer maneira manda-me notícias, também do que está com o prof. Wiggers, da Universidade Federal. Espero que não tentem refundi-lo em moldes acadêmicos! Que trabalhadeira apressada me custaram! Não havia outra maneira<sup>9</sup>.

Nesse excerto, Dall’Alba questionou o amigo sobre os manuscritos que havia deixado antes de partir para a Missão do Napo no Equador. Ao pedir notícias sobre o andamento das publicações, indicou que um dos livros estava em poder do professor Julio Wiggers, que, no período, trabalhava na editora da UFSC. Junto a essa informação, Dall’Alba expressou a preocupação de que tentassem “refundir” seu manuscrito em moldes acadêmicos. É interessante observarmos essa ponderação do sacerdote, visto que a maioria de suas obras foi publicada por editoras universitárias. As editoras da UFSC, como também da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC e da Editora da Universidade de Caxias do Sul – EDUCS são as principais parceiras da Editora Lunardelli, responsável pela maioria das publicações do religioso.

A procura pelas editoras universitárias significava maior respaldo para o autor e suas obras, entretanto, o custo dessa parceria poderia ser a necessidade de adequação de

---

<sup>8</sup> A primeira página desta carta não foi encontrada no acervo pessoal do sacerdote. Por conta disso, não conseguimos precisar a data do documento. Baseados nas informações da carta acreditamos ter sido escrita em 1987.

<sup>9</sup> Acervo CEDOHI “Pe. João – Pesquisas do Padre João Leonir Dall’Alba.” Carta.

seu texto aos moldes acadêmicos, fato que poderia gerar “uma trabalhadeira”. Em contrapartida, a publicação em uma editora universitária conferia certo prestígio às suas obras, como também sua maior divulgação/circulação. Sua primeira publicação pela editora da UFSC foi a tradução da obra de Luigi Marzano, Colonos e Missionários italianos nas florestas do Brasil. Essa publicação foi divulgada no Jornal de Santa Catarina - Suplemento Literário em janeiro de 1986.

O diálogo e a preocupação com o respaldo acadêmico presente nesses indícios, permitem-nos inferir que Pe. João buscava certa aproximação com o universo acadêmico. Essa aproximação poderia ser motivada pela busca de certo respaldo, pela constituição de redes que o auxiliariam em futuras publicações, ou, ainda, por conta do aprendizado de novas abordagens teóricas e metodológicas.

Essas, e possivelmente outras motivações, possibilitaram ao sacerdote acompanhar o intenso debate ocorrido na academia ao longo da década de 1970. Nesse período, Dall’Alba constituiu importantes redes, publicou algumas obras e acionou, por vezes, o título de historiador. Nas décadas seguintes, provavelmente por conta do trabalho missionário, o clérigo passou a publicar seus livros em gráficas locais (Araranguá, Orleans), evitando evocar o título de historiador.

Vale ressaltar, que segundo o historiador Mario Belolli, membro Emérito do IHGSC, em 1985, um grupo de historiadores teria criado o Instituto Histórico e Geográfico do Sul do Estado de Santa Catarina e Dall’Alba teria sido um dos incentivadores e fundadores do Instituto (RAMPINELI, 2013, p. 99). Sobre essa iniciativa, não foi possível encontrar nenhum tipo de documentação, mas o relato de Belolli registra um esforço dos profissionais que atuavam com a pesquisa histórica no sul catarinense em se vincularem a uma instituição.

Com exceção de Belolli, que era historiador de formação, possivelmente os demais membros que fomentaram essa iniciativa no sul catarinense eram historiadores “práticos” que necessitavam de um respaldo que dificilmente viria do meio acadêmico e que, mesmo com um processo de valorização dos autores e das obras do sul catarinense, também não viria do IHGSC. Porém, para Dall’Alba, o reconhecimento institucional viria anos mais tarde com sua efetivação como sócio do IHGSC.

Em 22 de novembro de 1987, o sacerdote recebeu sua certificação como membro efetivo do IHGSC. Além de seu diploma, consta entre seus documentos, a carteira de Mnome. Revista de Humanidades. v. 25 n. 49 (Jun/Dez. 2024)

sócio Correspondente do IHGSC, que apesar de não registrar a data de emissão, podemos inferir que deve ter sido entregue ao sacerdote pouco tempo após sua efetivação na instituição, já que, no mesmo ano em que se tornou sócio efetivo, também foi enviado para a missão religiosa no Equador.

Após retornar ao Brasil, mesmo não residindo mais em Santa Catarina, passou a frequentar assiduamente as reuniões do IHGSC, configurando novas redes e recebendo respaldo dos pares. Nesse período, o religioso desenvolveu diversas pesquisas, produzindo muitos livros, mas deixando outros inacabados. Nessa fase final de sua produção, o sacerdote retomou o uso do título de historiador, acrescido de antropólogo, já que, durante a Missão do Napo, realizou especializações em Antropologia na Itália.

Entretanto, em uma entrevista realizada com o religioso em 2001, na cidade de Orleans, por um grupo de professores universitários (alguns com formação em História), Dall'Alba manifestou certa curiosidade em saber como o grupo classificava suas obras - "eu não sei como é que vocês classificariam os meus livros lá [universidade]" -, mas antes de ser interpelado pelos/as entrevistadores/as, já sugeriu possíveis categorizações: "eram livros de antropologia [...] afinal eu me preocupava bastante de não... não me ater aos fatos históricos né". Essa fala demonstra que as transformações no campo profissional da história ressignificaram o "ser historiador/a".

A legitimidade que o IHGSC instituía na década de 1980, já não era a mesma após a consolidação das graduações em história pelo estado catarinense. O IHGSC ficou atrelado a uma narrativa considerada tradicional de história, possuindo em seu quadro pouquíssimos profissionais do meio acadêmico. Apesar da tentativa de aproximação realizada em diferentes momentos pelo IHGSC com a academia, especialmente com a UFSC, o distanciamento entre as instituições predominou e continua predominando. Dall'Alba, no começo dos anos 2000, estava ciente desse processo, e por isso, demonstrava em suas falas a preocupação com a legitimação de suas obras no meio acadêmico.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do acervo pessoal de João Leonir Dall’Alba, buscamos perceber as redes de sociabilidade tecidas pelo clérigo. Observando também os escritos em primeira pessoa registrados em suas obras, percebemos que o sacerdote era bastante inquieto quanto ao enquadramento de suas pesquisas e de seus livros. Afinal, Dall’Alba seria um cronista, um historiador, um memorialista, um antropólogo ou um “ajuntador” de objetos e documentos de um dado passado? O incômodo em buscar legitimação está muito presente em seu acervo pessoal, mas certamente não foi impeditivo para que o sacerdote continuasse pesquisando e produzindo.

As pesquisas e produções nem sempre eram vistas com bons olhos por sua congregação religiosa, exigindo que o clérigo ampliase suas redes de circulação e criasse estratégias para colocar seus projetos em prática, as vezes, burlando as próprias orientações da congregação. Nesse processo, o sacerdote buscou ampliar as redes pelas quais circulava e que contribuíssem para a legitimação e a sustentação econômica de seus projetos – redes culturais, acadêmicas, religiosas e políticas, respectivamente.

Esse agenciamento e seus indivíduos estavam inseridos em determinado contexto, que, mesmo não sendo limitador, pautava algumas perspectivas com as quais os agentes envolvidos dialogavam. Nesse contexto ampliado, percebemos a execução de diversos projetos realizados por Dall’Alba que, ao exigirem uma postura dos indivíduos – de adesão, de negociação ou de resistência –, criaram e legitimaram discursos, sendo divulgados em diferentes meios e contextos de recepção.

Em meio a esses processos, fica evidente a atuação do sacerdote como um intelectual mediador. Ao tentarmos mapear as redes tecidas conseguimos entrever a sua circulação – pessoas e ideias – e de agentes por diferentes espaços, além de observar o diálogo estabelecido com variados projetos políticos, que tanto determinaram quanto promoveram ações. Nessa perspectiva podemos compreender o clérigo com um intelectual criador e mediador.

E nesse exercício de mediação, buscamos evidenciar os contatos estabelecidos com os sócios do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, que especialmente durante a década de 1980, estreitou o diálogo com os intelectuais do sul catarinense, muito estimulado pelas concepções políticas e identitárias do período. As pesquisas de Dall’Alba estavam em consonância com a perspectiva étnica que se estava constituindo na cidade. A valorização das migrações europeias e a configuração de uma identidade

pautada na máxima “Santa Catarina, pedacinho da europa no sul do Brasil”, favoreceram as pesquisas do sacerdote, que mesmo apresentando alguns questionamentos sobre os processos migratórios – especialmente relacionados aos massacres indígenas – buscava valorizar a migração italiana e alemã no sul catarinense. Nesse sentido, sua entrada no IHGSC ampliou a circulação de suas obras e legitimou (mesmo que temporariamente) algumas de suas inquietudes quanto ao exercício profissional que realizava.

## REFERÊNCIAS

CAMPOS, Bernardino de Senna. **Memórias do Araranguá**. Seleção e coordenação do Pe. João Leonir Dall'Alba. Florianópolis: Lunardelli, 1987.

CARDOSO, Michele Gonçalves. **As missões de Pe. João Leonir Dall'Alba: História, memória e produção de discursos étnicos sobre o sul do Brasil**. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

DALL 'ALBA, João Leonir. **A pesca artesanal em Santa Catarina: situação econômica e social**. Monografia [1986a].

\_\_\_\_\_. **Cantares del Cóndor**. Quito, Ecuador: Ediciones ABYA-YALA, 1988.

\_\_\_\_\_. **Colonos e mineiros no grande Orleans**. Florianópolis: Edição do autor, 1986b.

\_\_\_\_\_. **Histórias do grande Araranguá**. Araranguá: Gráfica Orion Editora, 1997a.

\_\_\_\_\_. [et al.] **História do povo de Ana Rech: paróquia**. Caxias do Sul: EDUCS, 1987.

\_\_\_\_\_. [et al.] **História do povo de Ana Rech: distrito**. Caxias do Sul: EDUCS, 1997b.

\_\_\_\_\_. **Imigração italiana em Santa Catarina: Documentário**. Caxias do Sul/Florianópolis: EDUCS/Lunardelli, 1983.

\_\_\_\_\_. **Laguna antes de 1880: Documentário**. Florianópolis: Lunardelli/ UDESC, 1979.

\_\_\_\_\_. **Legado artístico de un misionero de Brasil**. Caxias do Sul: EDUCS, 1999.

\_\_\_\_\_. **Napo de Los Naporunas**. Quito, Ecuador: Ediciones ABYA-YALA, 1993.

\_\_\_\_\_. **Origens e descendência de Ana Pauletti Rech**. Caxias do Sul: Centro Técnico Social Murialdo, 2003a.

\_\_\_\_\_. **Os Dall'Alba 100 anos de Brasil**. Caxias do Sul: EdUCS, 1984.

\_\_\_\_\_. **Pioneiros nas terras dos condes**. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado, 1971.

\_\_\_\_\_. **Pioneiros nas terras dos condes**. 2º Ed. Orleans: Gráfica do Lelo, 2003b.

\_\_\_\_\_. [et al.] **Pionieri in Brasile**: Ballardin fameia emblemática. Porto Alegre: Edições EST, 1997c.

\_\_\_\_\_. **São Ludgero para o Brasil**: Memórias do Pe. José Pereira Kunz. Orleans: FEBAVE, 2005.

\_\_\_\_\_. **Stianni in colônia**. Caxias do Sul/Florianópolis: EDUCS/Lunardelli, 1986c.

\_\_\_\_\_. **Tesouro do morro da igreja**. Florianópolis/Orleans: Editora da FCC/Seminário São José, 1994.

\_\_\_\_\_. **Vale do Braço do Norte**. Orleans: Edição do autor, 1973.

\_\_\_\_\_. **Viajando... Diário de viagem de João Leonir**. [1961]. [40p.] diário. s/p.

DALL'ALBA BALLARDÍN, [João] Leonir. **Pioneros, Nativos y Colonos: El Dorado em el siglo XX**. [Quito, Ecuador]: Ediciones ABYA-YALA: Petroecuador: Misión Josefina de Napo, 1992.

MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos nas florestas do Brasil**. Tradução Pe. João Leonir Dall'Alba. Florianópolis: Editora da UFSC, 1985.

CUNHA, Maria Teresa Santos. O arquivo pessoal do professor catarinense Elpídio Barbosa (1909-1966): do traçado manual ao registro digital. **História da Educação**, Porto Alegre, v. 21, n. 51, p. 187-206, jan./abr. 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/66723>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Volume 11. Número 21, 1998, p. 9-34.

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

SERPA, Élio Cantalício. A Identidade Catarinense nos Discursos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. **Revista de Ciências Humanas**. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Volume 1, Número 1. Florianópolis: Editora da UFSC, 1992. p. 63-79.

VENANCIO, Giselle Martins. A utopia do diálogo: os prefácios de Vianna e a construção de si na obra publicada. In: GOMES. Angela de Castro; SCHMIDT. Benito Bisso. (Orgs.). **Memórias e Narrativas (Auto)biográficas**. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

RIBEIRO, Renato Janine. Memórias de si, ou... **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 35-42, jan.-jun. 1998, Disponível em:

<<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2068>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

GOMES, Angela de Castro. **História e historiadores**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

GONÇALVES, Janice Gonçalves. **Sombrios umbrais a transpor**: arquivos e historiografia em Santa Catarina no século XX. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

GOMES, Angela Maria de Castro. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In.: \_\_\_\_\_. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. 380p.

RAMPINELLI, Edina Furlan. **Deixe que eu cante este cantar, Padre João Leonir Dall’Alba**. Orleans: Fundação Educacional Barriga Verde, 2013. 358p.

Recebido em: 07 de outubro de 2024

Aprovado em: 02 de dezembro de 2024